

A originalidade de Marshall McLuhan¹

Iuri Yudi Furukita BAPTISTA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Quanto da obra de Marshall McLuhan é de fato original? Reunindo alguns estudos sobre suas referências intelectuais, se evidenciam relações de semelhança que refutam ao menos o ineditismo dos conceitos propostos por ele. Harold Innis, Teilhard de Chardin, Charles Cooley, Samuel Morse e Martin Heidegger versaram antes sobre Aldeia Global, “os meios como extensão do homem” e “o meio é a mensagem”. As relações podem ser referências explícitas, apropriações implícitas ou mesmo formulações independentes; o fato é que de inovador, Marshall McLuhan pouco teve.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da Comunicação; Marshall McLuhan; Originalidade; Questão da técnica; Aldeia Global.

No momento em que toda a pesquisa da comunicação estadunidense se voltava aos estudos empíricos do efeito da mensagem (TREMBLAY, 2003, p.15), Marshall McLuhan desdenhava o conteúdo, dizendo-o ser apenas uma “bola de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda” (MCLUHAN, 1969, p.33). Dessa forma, do ineditismo de sua abordagem, de seus objetos e de suas questões, McLuhan é confiante:

Para se ter uma idéia da pouca atenção que se tem dado a êsses assuntos no passado, basta referir-me à verdadeira consternação que êste livro provocou num de seus editôres. Notou êle, desconsolado, que “setenta e cinco por cento de sua matéria é nova. Um livro de sucesso não pode arriscar mais do que dez por cento de novidade”. (MCLUHAN, 1969, p.18)

Embora a regra do editor esteja desprovida de amparo, é sugestivo e inegável que *Os meios de comunicação como extensões do homem* [1964] foi “um livro de sucesso”. Para Tom Wolfe, *A galáxia de Gutenberg* [1962] foi o primeiro trabalho teórico importante de McLuhan e já trazia os principais conceitos que desenvolveria ao longo de sua carreira. Porém, “seu golpe de mestre veio dois anos depois, quando trouxe a abordagem de Innis para o século XX e para a era da televisão com *Para compreender os meios de*

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, email: iuri.baptista@acad.pucrs.br.

comunicação³” (WOLFE, 2005, p.14). Em 1964, McLuhan excede o círculo intelectual canadense e conquista reconhecimento nas comunidades acadêmicas e não acadêmicas por todo o ocidente.

Não parece plausível quantificar as novidades existentes na obra de McLuhan, inclusive por não se pretender conceituar uma “novidade”, porém o presente trabalho busca revisitar relações de semelhança existentes nos conceitos difundidos por McLuhan e autores anteriores a ele. Como pontos de partida, três estudos referenciais da obra do canadense foram aqui empregados: *Prefácio à McLuhan por McLuhan*, de Tom Wolfe (2005); *Media and the American Mind*, de Daniel Czitrom (1982) e *Desconstruindo McLuhan*, de Wilson Oliveira Filho (2009).

O que se evidencia é que algumas referências foram explícitas, como Harold Innis; outras implícitas, como Teilhard de Chardin. Desvela-se conceitos que já tinham sido empregados com o exato mesmo sentido antes, como a Aldeia Global e sua maior empatia entre grupos sociais. Porém, mais relevante, é encontrar por completo a concepção mcluhiana de técnica em Martin Heidegger. Ao fim, é latente que Marshall McLuhan pouco escreveu de absoluto ineditismo, mas, ainda assim, não soa apropriado desqualificar a relevância que suas abordagens, seus aforismos e suas propostas tiveram para a história das teorias da comunicação.

Innis e Chardin

Historiador econômico, Harold Innis dedicou seus últimos anos ao estudo dos impérios ocidentais sob o enfoque dos meios de comunicação, defendendo que os impérios possuem como essência o equilíbrio e a manutenção de sua territorialidade e sua duração. No livro *O viés da comunicação* [1951], propõe uma bipartição de vieses comunicativos, um temporal e outro espacial. A comunicação de viés temporal por excelência é a comunicação oral, por ser comunitária, tradicionalista, mística e fundamentalmente apegada ao passado. Já a comunicação de viés espacial é a escrita, uma vez individualista, política, científica e preocupada com o presente (CZITROM, 1982, p.156).

Ao publicar *A Galáxia de Gutenberg*, Marshall McLuhan afirma se tratar de “uma nota de rodapé à obra de Harold Innis”, pois o livro parte do pressuposto de que a linguagem escrita representa uma ruptura à linguagem oral. Retirando a visão de Innis do

³ *Os meios de comunicação como extensões do homem e Para compreender os meios de comunicação* são traduções (a primeira brasileira e a segunda portuguesa) do mesmo livro, *Understanding Media*, publicado nos Estados Unidos da América por McGraw-Hill Book Company em 1964.

contexto dos impérios, McLuhan credita à cultura letrada diversos efeitos sociais, econômicos e culturais. Para ele, a linearidade, a visualidade e a racionalidade do alfabeto fonético e da gramática se estenderam para toda a sociedade, gerando fragmentação, alienação, individualização e atrofiamento dos outros sentidos humanos.

Se Innis foi uma influência explícita aos conceitos de McLuhan, Tom Wolfe aponta outra importante referência intelectual implícita em seu prefácio ao livro *McLuhan por McLuhan*: “E aqui vemos a sombra da intrigante figura que influenciou McLuhan tanto quanto Harold Innis, mas a quem ele nunca se referiu de maneira explícita: Pierre Teilhard de Chardin.” (2005, p.16) Para Wolfe, McLuhan não reconhecia sua dívida a Chardin publicamente por este ser considerado “um cientista demasiado darwinista” pelos intelectuais católicos e “um místico católico” pelos intelectuais seculares.

Chardin foi um geólogo e paleontólogo francês que após se notabilizar por expedições asiáticas se tornou sacerdote jesuíta e professor do Instituto Católico de Paris. Sua principal teoria era a de que o darwinismo não fragilizava o cristianismo, mas corroborava com o “grande projeto de Deus para a evolução do homem” (WOLFE, 2005, p.17). A tecnologia, em especial a de comunicação, era para Chardin um passo em direção à noosfera, termo com que designava uma unificação dos sistemas nervosos, das almas, das consciências “eterizadas”, de todos os humanos na Terra.

O catolicismo disciplinado de McLuhan quase nunca vinha à superfície de seu trabalho acadêmico, embora suas ideias estivessem impregnadas de valores teológicos. Ele estaria influenciado pelo conceito de noosfera de Chardin quando escreve que “o conceito cristão de corpo místico - de todos os homens como membros do corpo de Cristo – isto se torna tecnologicamente um fato sob as condições eletrônicas” (MCLUHAN *apud* WOLFE, 2005, p.16). Essa unificação dos sistemas nervosos advém do conceito de meios como extensões do corpo humano e culmina na Aldeia Global.

Morse e Cooley

Em 1838, Samuel Morse obteve sucesso em uma série de demonstrações públicas do telégrafo e pediu subsídios ao congresso estadunidense escrevendo que não seria visionário demais imaginar que “... a superfície inteira desse país será canalizada por esses nervos que irão difundir, com a velocidade do pensamento, o conhecimento de tudo que

está ocorrendo na nação; fazendo do país inteiro, de fato, uma vizinhança”⁴ (MORSE *apud* CZITROM, 1982, pp.11-12). Algo pouco diferente de afirmar que “Elêtricamente contraído, o globo já não é mais do que um vila” (MCLUHAN, 1969, p.19).

Incluindo Morse e a invenção do telégrafo, Daniel Czitrom evidencia que cada novo meio de comunicação desenvolvido gera uma agitação popular e intelectual em torno do organicismo social e da superação do tempo e do espaço. Compreensões que permearam o surgimento do telégrafo reaparecem também no amadurecimento da imprensa diária e das ferrovias transnacionais. Em 1909, Charles Cooley exalta a possibilidade de surgir uma “mentalidade maior”, uma consciência pública global baseada na inteligência e compreensão.

Eles [os novos meios] significam liberdade, perspectiva e indefinidas possibilidades. Ao invés de se confinar a grupos locais, a consciência pública em sua mais ativa instância estende-se a passos igualitários com a troca de sugestões possibilitadas por essa nova relação até que nações de grandes proporções e, por fim, o mundo em si possam ser incluídos em um único conjunto metal vivo.⁵ (COOLEY, 1909, p.81)

Ao afirmar que a imprensa faz as pessoas se importarem mais com os miseráveis, com as moradias precárias, as condições de trabalho análogas à escravidão e a epidemia de tuberculose, Cooley explicava que antes o sentimento de companheirismo verdadeiramente humano estava confinado às tribos e que pessoas externas simplesmente não eram encaradas como iguais, como fraternos. Na obra de McLuhan, a mesma característica aparece ao falar de grupos minoritários da sociedade: “Êles agora estão envolvidos em nossas vidas, como nós na dêles – graças aos meios elétricos.” (1969, p.19)

Porém, para ambos, as vantagens dos novos meios não vêm sem um custo e um ameaçador efeito colateral: o excesso de sugestões. McLuhan utiliza o conto *Uma descida ao Maëlstrom* de Edgar Allan Poe para expressar sua preocupação com a incapacidade ou falta de preparo das pessoas lidarem com os novos meios, dizendo tratar-se de um grande vórtice de energia, informações e impulsos que suga a todos que não são capazes de entendê-lo. Já Cooley, explica que “[...] a intensidade da vida comumente se torna uma

⁴ Do original: “... the whole surface of this country would be channeled for those nerves which are to diffuse, with the speed of thought, a knowledge of all that is occurring throughout the land; making, in fact, one neighborhood of the whole country.”

⁵ Do original: “They mean freedom, outlook, indefinite possibility. The public consciousness, instead of being confined as regards its more active phases to local groups, extends by even steps with that give-and-take of suggestions that the new intercourse makes possible, until wide nations, and finally the world itself, may be included in on lively mental whole.”

tensão excessiva, trazendo para muitas pessoas uma sobre-excitação que enfraquece ou quebra o caráter”⁶ (1902, p.145).

Corroborado pelo fato de Innis ter feito doutorado na Universidade de Chicago em um período dominado intelectualmente por estudos sociais de um grupo de pesquisadores que ficou conhecido como Escola de Chicago, Czitrom defende que a Escola de Toronto relembra às teorias de Charles Cooley e Robert Park. Independente de McLuhan ter conhecimento desses autores, essa relação sugere que as teorias de McLuhan seriam a objetivação das habituais respostas ao alargamento de um novo meio de comunicação. Ou seja, a televisão, em 1964, gerou reações parecidas com as que o telégrafo suscitou em 1838 e que o jornal diário provocou em 1909.

Martin Heidegger

As relações de similaridade entre a concepção da técnica em Marshall McLuhan e Martin Heidegger são esmiuçadas pelo pesquisador Wilson Oliveira Filho em *Desconstruindo McLuhan* (2009). O ponto de partida, como se verá abaixo, é a percepção da proximidade entre as finalidades da técnica moderna e da ciência moderna. “Ao pensar em circunstâncias e imposições e, sobretudo ao ligar técnica à consciência, Heidegger e McLuhan pareciam dialogar.” (OLIVEIRA FILHO, 2009, p.50)

Embora se mostre um otimista tecnológico para os leitores mais apressados, McLuhan tem repulsa às novidades tecnológicas, considerando-as responsáveis por revoluções antropológicas que invariavelmente se mostraram negativas. Influenciado pela crítica à modernidade, ao positivismo e ao racionalismo presente na literatura inglesa de Chesterton, Pound, Joyce e Elliot, McLuhan analisa com pesar os efeitos da invenção da imprensa na própria humanidade. Ele enxerga uma reversão na relação de dominação humano-técnica, em que a prensa impõe às pessoas uma vida fragmentada, individualista, secular, ocultada de causalidades e hipnotizada pela cultura visual.

Esse mesmo caráter crítico à modernidade é encontrado em Heidegger: “A interrogação da tecnologia em Heidegger provém, assim e de forma intrínseca, da crítica da modernidade, a partir do ponto de vista ontológico.” (SÁ, 2001, p.126) Para o filósofo, a técnica teria inicialmente como *telos* o subjulgamento da natureza pelo humano, contudo, escapa do controle e termina por achatar a própria natureza existente no homem

⁶ Do original: “On the other hand, these advantages are not without their cost; the intensity of life often becomes strain, bringing to many person an over-excitation which weakens or breaks down character;”

(RÜDIGER, 2006, p.15). “Assim, o homem nunca é o mestre absoluto da sua obra de interpelação. Ao provocar a natureza, transforma-se com a transformação que opera.” (SILVA, 2000, p.158)

Ambos negam com grande ênfase que o caráter da técnica seja exclusivamente instrumental, pois a técnica não é neutra. McLuhan cria a analogia com extensões do corpo humano, sendo "a tecnologia do homem é a coisa mais humana que ele tem" (MCLUHAN, 2005, p.329). Em suas analogias, afirma que um trem substitui a ação das pernas humanas, mas não se caracteriza por aquilo que carrega: todas as invenções alteram as organizações sociais, as proporções das ações e estendem no tempo-espaço os sentidos humanos. Assim, “exteriorizar é a natureza da tecnologia” (MCLUHAN, 2005, p.342).

Heidegger busca a essência da técnica afirmando que essa, definitivamente, não é técnica. Para ele, a técnica “pro-duz”, traz algo da “não presença” à “presença”. E a “pro-dução”, por sua vez, gera desvelamento, desocultação. Disso, chega-se à essência da técnica moderna: “um desvendamento entendido, não como *poiesis*, mas como pro-vocação (*Herausforden*).” (SERRA, 2013, p.09) Simplificadamente, a essência da técnica é aquilo que ela provoca no ambiente e nos humanos, pois é uma forma de desencobrimento que, por sua vez, revela o local em acontece a verdade.

Quanto ao julgamento otimista ou o pessimista, Heidegger e McLuhan concluem em unísono: o perigo da tecnologia moderna é o ocultamento de sua essência, ou seja, sua utilização cega e inconsciente daquilo que provoca:

Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objectos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente de aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objectos técnicos que nos tornamos seus escravos. (HEIDEGGER, 2002, p.11)

“Significa isto que a Técnica moderna nos coloca, necessariamente, à beira da catástrofe? Para responder a esta questão, Heidegger cita o verso de Holderlin (do Hino Patmos): ‘mas onde há o perigo, ali cresce também o que salva’.” (SERRA, 2013, p.10) Os dois pensadores ressalvam que o fato de terem exposto a hipnose da humanidade pela essência da técnica não significa uma fatalidade determinada. Se eles refutam destacadamente a neutralidade dos artifícios instrumentais, também consideram diferentes possibilidades de encaminhamento valorativo da técnica.

Para definir o modo de correto de lidar com a técnica, McLuhan recorre novamente ao conto *Uma descida ao Maëlstrom* de Edgar Allan Poe. Faz-se necessário o interesse –

até o deslumbre - com os fenômenos comunicativos para que se compreenda seu funcionamento e se planeje uma estratégia de sobrevivência. Na visão heideggeriana: “Nem revolta contra um ente diabólico nem deslumbramento, Heidegger reivindica um ‘apelo libertador’: compreender a essência da técnica, identificar o perigo existente na revelação racional que tudo reduz ao nível de *causa efficiens*.” (SILVA, 2000, p.159)

Por fim, ambos veem nos artistas (Heidegger nomeadamente nos poetas e McLuhan em especial nos escritores literários) a sensibilidade para perceber a essência da técnica e a facilidade em se emanciparem. Como Heidegger é filósofo, não literato, é desprezado pelo segundo: “Heidegger desliza (surfe) sôbre a onda eletrônica tão triunfantemente quanto Descartes sôbre a onda da mecânica” (MCLUHAN, 1972, p.333). Mas o canadense se resume a comentar o caráter linguístico dado por Heidegger à filosofia e nada explicita sobre a questão da técnica.

Considerações

A explicitação de Harold Innis como referência teórica e o competente acobertamento das influências advindas de Pierre de Chardin mostra que o estudo das origens intelectuais de McLuhan não pode ser encarado como algo evidente: o guru das mídias da década de 1960 tinha plena consciência (e fazia-se valer dessa consciência) da importância de se posicionar estrategicamente ao público, que em seu caso reunia pessoas leigas, acadêmicas e profissionais da comunicação.

Embora McLuhan desdenhe a capacidade de Heidegger compreender os meios eletrônicos em seu primeiro trabalho sobre a técnica, *A galáxia de Gutenberg*, sua relação reaparece em uma palestra ministrada por ao final de sua vida, em 1979, na Universidade York de Toronto. Além de citar um longo trecho de *A origem da obra de arte* do filósofo alemão, ele mostra que progrediu sua teoria em confluência à questão da técnica heideggeriana com o tetraedro que denominou “Leis da mídia”.

Em matiz ácido, Rafael Herra publica em 1980 – ano de falecimento de McLuhan – o artigo *Esse Heidegger trivial chamado McLuhan*⁷, em que afirma que “McLuhan é um herdeiro tardio do mais ingênuo racionalismo sensualista”. Porém, embora partam de pressupostos e cheguem a resultados parecidíssimos, os percursos são bastante diversos em McLuhan e Heidegger. Seria necessário um estudo documental profundo para se acusar qualquer espécie de apropriação intelectual censurável.

⁷ Do original: *Este Heidegger trivial llamado McLuhan*.

Mesmo que se valessem de termos e ideias alheias, não se desqualifica a relevância das análises e das repercussões que McLuhan foi capaz de gerar à área da comunicação. Como exemplo, pode-se colocar em juízo o domínio da abordagem “o meio é a mensagem” – enquanto estudo dos efeitos sociais dos meios técnicos - nos estudos das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e da cibercultura, que em geral procuram descrever as características sociais geradas e possibilitadas por novos meios de comunicação.

Embora originalmente verse sobre pedagogia infantil, vale a afirmação de Antonio Gramsci: “descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação, mesmo que a verdade seja velha, e demonstra a posse do método” (2001, p.40). Essa mesma leviandade de julgamento, porém, não é estendível à questão que abre esse trabalho. Foi honesto ostentar que 75% de *Os meios de comunicação como extensões do homem* eram inéditos?

REFERÊNCIAS

COOLEY, Charles Horton. **Human nature and social order**. New York: Charles Scribner's Sons, 1902.

COOLEY, Charles Horton. **Social Organization: a Study of the Larger Mind**. New York: Charles Scribner's Sons, 1909.

CZITROM, Daniel. **Media and the American Mind: From Morse to McLuhan**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de cárcere**. Ed. Civilização brasileira, II vol., 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HERRA, Rafael. **Este Heidegger trivial llamado McLuhan**. San José: Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica, vol. 18, n.48, pp. 179-180, 1980.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1972.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MCLUHAN, Marshall. **McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

OLIVEIRA FILHO, Wilson. **Desconstruindo McLuhan: O homem como (possível) extensão dos meios**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009.

POSSAMAI, Fábio Valenti. **A técnica e a questão da técnica em Heidegger**. Porto Alegre: Revista Intuitio, v.03, n.01, 2010.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SÁ, José Carlos Vasconcelos e. **A crítica da técnica e da modernidade em Heidegger e McLuhan**. Coimbra: Revista Interações, n.01, pp.124-137, 2001.

SERRA, Paulo. **O problema da técnica e o ciberespaço**. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, disponível em <http://hdl.handle.net/10400.6/521>. Acesso em 25/06/2013.

SILVA, Juremir Machado. **De Heidegger a Baudrillard: os paradoxos da técnica**. Porto Alegre: Revista Famecos, vol.2, n. 13, pp.155-162, 2000.

TREMBLAY, Gaëtan. **De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial**. Porto Alegre: Revista Famecos, vol. 1, n. 22, pp.13-22, 2003.

WOLFE, Tom. **Prefácio à McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.